

Jogos dos Povos Indígenas: diversidades

Indigenous Games Peoples: diversity

Maria Beatriz Rocha Ferreira*

RESUMO: Os Jogos dos Povos Indígenas são eventos complexos realizados na cidade pelo Comitê Intertribal de Memórias e Ciência Indígena com o Ministério do Esporte em parcerias com o Governo do Estado e Prefeitura. A temática desenvolvida neste texto é fundamentada em diferentes pesquisas etnológicas realizadas durante os jogos indígenas. O lema “celebrar e não competir” do Comitê Intertribal de Ciência e Cultura perpassa todas as edições dos eventos. As divergências do conceito de esporte entre as diferentes áreas de conhecimento traz repercussões no desenvolvimento das edições. No entanto, os jogos têm sido locais de convivência, de troca de saberes ancestrais e contemporâneos, propiciando a visibilidade da diversidade cultural indígena e novas construções sociais.

Palavras-chave:
jogos dos povos
indígenas,
diversidade,
construção social.

I ntrodução

Os jogos dos povos indígenas são eventos realizados na cidade. A complexidade destes traz desafios e empecilhos a serem constantemente transpostos. As diferenças das linguagens dos saberes ancestrais, do conhecimento técnico do poder público e das áreas relacionadas ao esporte dificultam muitas vezes o diálogo e a compreensão do significado destes jogos. Por ser um movimento razoavelmente recente no país, sendo a primeira edição em 1996, muito já foi conquistado.

A partir desta época as vozes dos indígenas começam a ser ouvidas na história da Educação Física e dos Esportes, em termos de eventos de médio

porte. Os organizadores, através do Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena, lutam para construir o lema – Celebrar e não Competir, e as suas formas de organização.

Há diferentes opiniões e percepções sobre estes eventos. Aqueles que querem ver o exótico, o diferente, outros entendem que há um processo de descaracterização dos rituais sagrados, e finalmente aqueles que procuram ouvir as vozes dos indígenas, tentando entender qual o significado dos Jogos para eles.

Diante da complexidade dos Jogos, abordaremos alguns dos aspectos do mesmo para o leitor ter uma idéia das configurações e redes de poder envolvidas, mais especificamente sobre o surgimento dos jogos – lema celebrar e não competir, a configuração, as linguagens de diferentes áreas que se entrecruzam e a experiência nos Jogos dos Povos Indígenas em Fortaleza.

As pesquisas foram realizadas através de (i) fontes bibliográficas na perspectiva de conceituação (ii) de pesquisas realizadas ao nível Nacional nos Jogos dos Povos Indígenas em Campo Grande – MS, 2001, Porto Seguro (2004), Fortaleza (2005) e nos Jogos Estaduais de Conceição do Araguaia - Pará (2006), Campo Novo dos Parecis (2007) e Municipal na Festa do Índio em Bertioxa, 2004, 2006 e Festa das Culturas Indígenas, 2009. Nestes eventos foram realizadas observações e entrevistas com líderes indígenas que deles participavam, com “atletas” indígenas (termo utilizado por eles) realizadas no alojamento dos jogos. As oportunidades de conviver com os líderes Mariano Marcos Terena e Carlos Justino Terena, em diferentes eventos acadêmicos, proporcionaram diálogos e entrevistas que auxiliaram na pesquisa.

Breve histórico da pesquisa e evento

A pesquisa sobre os Jogos dos Povos Indígenas foi iniciada em Campo Grande – MS, 2001. Na época ficamos impressionados com a abertura dos organizadores do Comitê Intertribal de Memórias e Ciência Indígena em receber os pesquisadores de dois laboratórios da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Foram realizadas entrevistas com os indígenas e medidas antropométricas. Várias indagações ficaram em abertas, especialmente qual o significado do evento para aqueles povos que participavam.

Nos eventos organizados na Universidade Estadual do Centro-Oeste em Iratí, 2002, e em Guarapuava, 2003, tivemos a oportunidade de convidar Mariano Marcos Terena para uma palestra sobre os Jogos. Transcrevo trechos de sua palestra abaixo para o leitor entender as razões que permeiam estes eventos:

[...] Fomos [Carlos e Marcos Terena] falar com o Ministro da Educação e perguntamos ‘será que dá para a gente trazer um índio aqui [nos Jogos Escolares Brasileiros – JEBS] para mostrar que ele é um bom arqueiro? Trazer um índio no meio dos estudantes? – perguntou o Ministro. ‘Sim, só para mostrar como atira uma flecha sem “doping”, sem anabolizante, deixa a gente atirar um flecha’.

No evento, o índio flecheiro desceu na linha para fazer a demonstração, eu mesmo [Marcos Terena] não conhecia esse índio flecheiro. O índio disse ‘não, pode por aqui mais de 50 metros’- porque é importante escolher e poder ver onde vai acertar?. Então, ele não mirou como todo arqueiro faz, ele olhou assim e atirou. Ele acertou uma melancia [alvo]. Está muito grande, traga outra!’. Trouxeram uma fruta menor até chegar na maçã. Para aquela gurizada, estudantes, jovens, era uma maneira dele quebrar um pouquinho o conceito de esporte. O que é esporte? Porque ele estava usando um arco tradicional, estava utilizando uma metodologia tradicional, mas com o objetivo que não era o tradicional, porque lá na aldeia aquele índio não faz aquilo como esporte. Ele faz para acertar uma ave, uma anta, um peixe no meio do rio, que é mais difícil de acertar porque tem aquela coisa de ótica. Então, nós a partir daquele momento começamos a trabalhar esse conceito de Jogos dos Povos Indígenas (TERENA, 2003, p. 19-20).

A partir deste evento, eles conversaram com o Pelé quando era Ministro dos Esportes e realizaram a primeira Olimpíada congregando 30 povos do Brasil em Anhanguera, Goiânia (1996). Utilizaram o termo Olimpíada pois entenderam que se denominassem Jogos Indígenas na época poderia dar a conotação de futebol para os indígenas. Foi o primeiro aprendizado com os parentes indígenas. Buscaram sempre dialogar como os índios bilíngües e se preocuparam com a indumentária para cobrir os seios das meninas e poder protegê-las e outros ajustes para se iniciar um diálogo com a sociedade não indígenas (TERENA, 2003, p. 20-21).

Na palestra aponta diferentes aspectos que fundamentaram os eventos posteriores, tais como: não se preocuparam com o detalhe da idade, o índio

velho “vem para fazer uma demonstração também, para a sociedade não indígena, o significado de ser índio. Então tem a entrada das equipes e cada equipe vem trazendo um canção, vem fazendo sua cantoria, vem mostrando seu lado lúdico, suas pinturas”.

Aponta também a diversidade do estado atual dos povos

[...] tinha um índio dançando com sandália havaiana, [...] o pessoal que no jogo de futebol quer usar chuteira, a camiseta do Corinthians, quer usar camiseta de São Paulo. Terena diz: “tudo isso tinha que deixar acontecer, mas sem perder o controle, porque o objetivo para aquele índio era participar dos Jogos Indígenas, como competidor, mas também para resgatar a sua língua, sua identidade, como um pouco daquela nação e também para resgatar suas cores, a sua identidade de povo indígena” (TERENA, 2001, p. 21).

toda vez que a gente faz este evento procuramos fazer num local onde tenha rio, tenha mata, onde a gente sabe que aquele índio precisa entender que ele está indo para a cidade não para ganhar de outro parente (TERENA, 2001, p. 22).

Após os jogos de Anhanguera (1996) foram adquirindo experiências e modificando o formato dos jogos. Nos anos posteriores realizaram em Guairá/PR (1999), Marabá/PA (2000), Campo Grande/MS (2001), Marapani/PA (2002), Palmas/TO (2003), Porto Seguro/BA (2004), Fortaleza/CE (2005) e Recife/PE (2007).

Os níveis estaduais e regionais são realizados com outras denominações, tais como: Festa Nacional do Índio e, a partir de 2009, Festa Nacional da Cultura Indígena (Bertioga), Jogos Indígenas (Pará), Jogos Interculturais Indígenas (Campo Novo do Parecis), entre outros. Estes seguem uma mesma linha de pensamento, com maior ou menor enfoque em atividades esportivas ou culturais, dependendo se a Secretaria promotora for do Esporte e/ou Cultura.

Configuração dos jogos

A vinda dos jogos indígenas para a cidade trouxe novas perspectivas para os indígenas e não indígenas em diferentes aspectos. E para a realização

dos mesmos exige o esforço de diferentes setores da sociedade: Comitê Intertribal de Memória Indígenas, Poder Público, dos povos participantes, do pessoal de apoio na logística, na alimentação, na saúde, na construção para o alojamento, na mídia, entre outros.

Os jogos propriamente dito congregam os seguintes momentos:

a) A cerimônia para acender o fogo sagrado de forma tradicional, com o atrito de gravetos é realizado ao por do sol, no dia anterior. Entre os diferentes significados, o fogo representa a união entre os povos, costume ancestral quando não estavam em guerra. Atualmente o fogo continua sendo aceso em situação de união com a sociedade.

b) No dia seguinte se inicia o revezamento da tocha para ser conduzida até a Arena, local da realização dos jogos. A cerimônia de abertura é uma composição de elementos culturais, ancestrais e políticos. Há a pajelança, momento de muita espiritualidade. A tocha com o fogo sagrado chega a arena e é entregue para um ‘guerreiro’ que percorre a arena e acende outras tochas até chegar a pira.

c) Em seguida ocorre o desfile de abertura com a participação dos povos participantes. Cada etnia segura uma placa com seu nome e os participantes chamados de ‘guerreiros’ e/ou ‘atletas’ se apresentam com os adornos e vestimentas típicas. A diversidade dos povos indígenas pode ser observada nas plumagens e pinturas corporais. Em algumas ocasiões, as etnias fazem pajelança, dançam e cantam na concentração (fase anterior a entrada na arena). Este é um momento muito forte em espiritualidade que o público não participa.

d) No palanque ficam os representantes governamentais, Ministros, Secretários e outros convidados. O pronunciamento de alguns deles e do líder indígena Marcos Mariano Terena oficializam a abertura dos Jogos dos Povos Indígenas. Os jogos na arena são demonstrados no final da tarde. Entretanto as atividades realizadas no rio, no mar e no futebol ocorrem durante o dia.

e) As tendas de artesanatos são montadas próximo a arena e funcionam durante todo o dia até o final das atividades do evento.

f) Os jornalistas e comissões organizadoras têm um local específico com material adequado de multimídia e internet.

g) O Fórum social congrega convidados indígenas e não indígenas nacionais e internacionais, visando debater temas, tais como educação, saúde, ecologia e juventude, comunicações, utilização de energia solar, reflexões sobre os jogos e esportes indígenas, entre outros. Em geral a reunião é organizada num ambiente próprio, com multimídia para transmissão das palestras.

Linguagens de diferentes áreas que se entrecruzam

Os jogos são realizações do Comitê Intertribal de Memórias e Ciência Indígena, Ministério do Esporte em parcerias com o Governo do Estado e Prefeitura. Eles tem apoio dos Ministérios da Justiça, da Educação, da Cultura e da Saúde, além da Funasa e da Funai e de outra fonte como Caixa Econômica, Banco do Brasil. Nos jogos há também a participação da mídia, das universidades através dos pesquisadores e das ONGs.

As nove edições dos jogos começam a fazer parte da história, do cenário das cidades sedes e da memória das pessoas que os assistem. Os objetivos de “celebrar e não competir”, jogar sem doping, sem anabolizantes, sem roubar, respeitando as diferenças, trazendo a mensagem de superação sem competir a qualquer preço estão presentes nos eventos.

As linguagens dos organizadores, indígenas, participantes, público, mídia e pesquisadores se encontram neste campo, produzindo tensões, superações, harmonias, enfim, novos significados.

A linguagem do “esporte” como pensamento hegemônico dos diferentes setores da sociedade pode dificultar a compreensão do “outro”. O esporte tem uma característica racionalista, com regras pré estabelecidas e de caráter competitivo. As regras são propostas de forma a se universalizarem, com penalidades para os atletas que não as cumprem. Os esportes são federalizados em níveis nacionais e internacionais. A competição é uma característica intrínseca ao esporte, mas pode ter diferentes conotações, tais como *Fair Play*, agonística, cooperativa, ou profissionalizante, de alto rendimento, podendo até causar malefícios à saúde, advindo de super treinamento ou *doping*.

A mentalidade da competitividade para ganhar, vencer o outro no esporte, se transferida para a compreensão dos Jogos dos Povos Indígenas dificulta o entendimento de uma prática no significado de “celebrar e não competir”. E mesmo o estabelecimento de regras “rígidas”, sem a possibilidade de se alterar no momento da competição traz problemas. A celebração exige organização, mas não rigidez de regras.

O desdobramento destes pensamentos perpassam a logística do evento. Aqueles com a visão de evento desportivo querem organizá-los na lógica racionalista do esporte, com regras pré estabelecidas, sem alterações durante as competições. Outros entendem que os jogos indígenas da aldeia, ritualizados são trazidos para os eventos na cidade e passam por um processo de esportivização, isto é, a passagem de jogos “tradicionais” para o esporte. Esta visão é daqueles que enxerga o processo sob o prisma do esporte. A mídia, por sua vez, ora estimula a competição na arena e nos comentários da matérias (televisão, jornal, rádio), ora busca entender os jogos sob o olhar indígena (ROCHA FERREIRA e VINHA, 2007).

As áreas de conhecimentos (representadas nestes setores da sociedade) são construídas e formam atores num processo imbricado de interrelações e poder, o que lhes propicia uma forma de ver as coisas e se identificarem. A forma de como se constrói as identidades, pelas “meias verdades”, dificultam a capacidade das pessoas olharem-se, como se estivessem de fora e verem o diferente, sem se envolverem. Existe sempre o perigo de algumas áreas de conhecimento formar profissionais com olhar “endurecido”, ofuscados pelas lentes do poder. O que eles acham acaba sendo mais “correto” do que o outro está tentando dizer. Os jogos dos povos indígenas provocam este desafio, de se procurar entender outras possibilidades de se praticar os jogos, no sentido da “celebração e não competição”.

Outra questão também na organização dos eventos é a mobilidade dos empregos dos organizadores do poder público. Possuem cargos de confiança e não acompanham as edições dos jogos. E, portanto, as negociações do Comitê Intertribal de Ciência e Cultura com os parceiros necessitam ser sempre retomadas nas novas edições.

Na diversidade de atores, o evento também pode ser palco para outras disputas políticas, como o ocorrido em Fortaleza (2005). Uma decisão do “juiz Jorge Luiz Girão atrasou em algumas horas a cerimônia de abertura da 8ª edição dos Jogos dos Povos Indígenas. Girão Bandeira suspendeu a realização do evento alegando não existir autorização oficial para a realização dos Jogos no aterro da Praia de Iracema” (BARDAWIL, 2005). No momento todos ficaram sem entender, os organizadores, os indígenas e o público. Se perguntavam porque estes problemas não haviam sido resolvidos anteriormente. As razões e disputas políticas, comentadas no momento, se houveram, entre o juiz, o promotor e os secretários de esporte e/ou cultura não foram esclarecidas. No final a questão foi resolvida com interferência de diferentes representantes, pois a praia pertence à União. Os participantes tinham decidido invadir a arena na abertura, mesmo sem autorização.

A reação dos povos indígenas participantes frente à decisão do Juiz foi de profunda comoção e revolta. Fizeram rituais, danças e cantaram na entrada da arena. Cada um na sua língua, mas numa mesma comunhão. Naquele momento, parecia que a história colonial de desrespeito e desqualificação aos indígenas se repetia.

Atividades - jogos

Na arena, as atividades apresentadas têm algumas características comuns e podem se relacionar com as da aldeia, tais como: (i) de sobrevivência - arco, flecha, canoagem utilizados na caça e pesca, (ii) aquelas inseridas em rituais sagrados como corrida de toras, lutas e (iii) outras de caráter geral como o cabo de guerra e futebol.

O espírito de guerreiro de auto-superação pode ser observado nos participantes durante as apresentações, nas provas, nos embates e nas lutas. Mas o objetivo não é “vencer a qualquer custo”, mas algo mais próximo ao sentido agonístico para os gregos. Agon significa assembléia, reunião, combate com características competitivas. Na sociedade grega havia uma busca de equilíbrio entre a estética, a competição leal, a premiação justa e a liderança. A rivalidade era no sentido de se oporem, seja individualmente, em duplas ou equipes, a uma qualidade comum que podia ser: força física, velocidade, memória, etc., exercidas dentro de limites definidos, respeitados, justos e sem ajuda exterior, de forma a permitir que o ganhador se destacasse como o melhor em certa categoria de proezas (CAILLOIS, 1986; HUIZINGA, 1980). Além do mais para os indígenas as características da celebração, do agradecimento, da espiritualidade, da mitologia estão inseridos nos jogos. E as experiências são incorporadas positivamente pelo grupo e pela pessoa (ROCHA FERREIRA e VINHA, 2007).

Como comentado anteriormente, a participação dos diferentes setores da sociedade, com suas particularidades de entendimento e identidades podem dificultar a compreensão do sentido original da celebração nos jogos. Por exemplo, a transmissão das atividades são feitas por um locutor, com algumas intervenções de líderes indígenas fornecendo explicações sobre os mesmos. O fato do locutor incentivar o público para torcer, aplaudir, propicia um formato competitivo, que poderia ser diferente, para que houvesse melhor compreensão da cultura indígena. A mídia muitas vezes distorce o sentido dos Jogos e faz comentários que não refletem o que está ocorrendo. Estes fatos são mencionados não para apontar os empecilhos, mas o quanto ainda precisamos nos aprimorar e avançar na compreensão e construção destes eventos.

Na arena, as apresentações demonstram a riqueza imensurável da ludodiversidade humana, como pode ser observada na tabela abaixo, com os exemplos das atividades.

Tabela 1

Exemplos de atividades realizadas nas arenas e outros locais (rio ou mar)

Corrida de toras e variações Nota - Jãmparty é acima de 100 kg	Krahô – Tocantins Kanela - Maranhão Xavante – Mato Grosso Gavião Kyikatêjê/Parakateyê – Pará Xerente – Tocantins Apinajés - Tocantins	Mulheres e Homens
Apãnare (flecha e variações)	Ashaninka –Acre Gaviões – Pará Xavante – Mato Grosso	Homens
Cabo de Guerra	Todas etnias	Mulheres e Homens
Canoagem	Rikgatsa – Mato Grosso	Homens
Arco e flecha e variações	Bakairi – Mato Grosso Karajá – Mato Grosso, Tocantins e Pará Munduruku, - Amazonas	
Arco e flecha e variações	Gavião Kyikatêjê/Parakateyê – Pará Cawahib - Mato Grosso Povos do Xingu ((Waura, Kamayurá, Tapirapé, Trumai, Yawalapiti,)	Homens
Flecha (de 5 metros)	Nambikwara – Mato Grosso Pareci – Mato Grosso	Homens
Lutas corporais e variações (como a Inssitró)	Povos do Xingu (Waura, Kamayurá, Tapirapé, Trumai, Yawalapiti,) Bakairi - Mato Grosso	Mulheres e Homens

	Karajá – Tocantins Gavião Parakateyê - Pará Tapirapé – Mato Grosso Xavante – Mato Grosso	
Ronkrã (Taco e Bola, com Dois Times)	Kayapó – Pará e Mato Grosso Apinayé – Tocantins	Homens
Tihimore (boliche com bola de marmelo)	Pareci - Mato Grosso -	Homens
Futebol	Pareci - Mato Grosso Tukano - Amazonas Xerente – Tocantins Xavante – Mato Grosso e outras etnias	Mulheres e Homens
Jogo de bola com a cabeça Xikunahity	Pareci - Mato Grosso Enawenê Nawê – Mato Grosso Nhambiquaras, Kepkiriwat e Amniapa - Mato Grosso do Sul	Homens
Zarabatana (Lançamento Soprando)	Matis (Amazonas) Kokana (Amazonas) Zuruaha (Amazonas)	Homens Mulheres e
100 e 400 metros de corrida	Todos participantes	Homens
5000 metros de corrida	Todos participantes	Homens
Natação	Todos participantes	Mulheres e Homens
Dança	Todos participantes	Mulheres e Homens

Os homens participam num maior número de atividades. A participação das mulheres tem sido cada vez maior, não só como acompanhantes, mas nas danças e outra atividades.

O futebol indígena

O futebol é uma prática já comum na maioria dos povos indígenas. A configuração do mesmo nas aldeias passa pelo viés da diversidade das

culturas. Vianna (2008) estudando o futebol entre os Xavante faz interessantes relações com a corrida toras, a produtividade sociológica das metades, os grupos de idades e clãs nos times, o parentesco na organização dos times, as relações com a natureza e animais, as negociações, os espaços dos jogos e as diferentes formas de se lidar com o futebol, sentidos de vitória e derrota.

Fassheber (2006) estudando o futebol entre os Kaingang faz uma proposta do etnodesporto.

[...] Etno-Desporto: é a prática das atividades físicas tanto sob a forma de jogos tradicionais específicos e a *mimesis* que dinamiza estes jogos, quanto sob a forma de adesão ao processo de “*mimesis do esporte global*”. Em outros termos, é a capacidade de adaptarem-se aos esportes modernos, sem, contudo, perder a indianidade. Já por Etno-Futebol indígena, entendemos ser o processo pelo qual a *mimesis* do esporte – pela via da transformação dos Jogos Tradicionais e da incorporação do Futebol nas aldeias – permite-nos pensar a afirmação da identidade étnica de forma singular, se considerarmos a construção e o uso específico que cada grupo faz de sua corporalidade.

O futebol praticado nos Jogos dos Povos Indígenas traz a marca de cada etnia, mas atendendo o princípio de ‘celebrar e não competir’.

Nesta direção, Carlos Terena relata a seguinte nos Jogos dos Povos Indígenas (2007).

Após a realização dos III Jogos (Marabá, PA, 2000), o chefe da delegação do povo Xavante, Adriano Tsererawau, procurou o coordenador dos jogos dizendo que os xavantes foram campeões três vezes e não queriam mais vencer. Gostariam de dar oportunidade para que outra etnia pudesse ser campeã. Assim, os atletas bons de bola não mais participariam, somente os mais velhos. Assim foi feito, e os xavantes nunca mais foram campeões no futebol, demonstrando que ganhar não é o mais importante (TERENA, 2007, p.31).

Significado dos jogos

Jogos de maneira geral denotam prazer, sensibilidade e emoções. A imitação, mais especificamente a *mimesis* é uma característica fundamental no aprendizado e transmissão dos jogos. Mimesis é o ato inerente dos seres

humanos para imitar, mas não como cópia do real. Taussig (1993) diz - a faculdade mimética pertence à “natureza” que tem as culturas de criar uma “segunda natureza”. Esta faculdade, no entanto, não se dá meramente pela cópia do original. Ao contrário, Taussig aponta para as ressignificações que cada cultura consegue do original e também influencia este original. Através da *mimesis* torna-se possível a construção de novas relações sociais. Esta capacidade humana de perceber, sentir, transformar em imagens mentais, re-interpretar e re-significar favoreceu o aprendizado, a criação e transmissão dos jogos. A capacidade mimética da espécie, entre outros fatores, pode garantir a ela condições para ensinar, aprender, construir representações e transformar.

Elias e Dunning (1992) nos trazem uma característica importante do termo *mimesis* referente ao lazer, relacionam com um aumento de tensão,

[...] aquilo que as pessoas procuram nas suas atividades de lazer não é o atenuar de tensões, mas, pelo contrário, um tipo específico de tensão, uma forma de excitação relacionada, com frequência, como notou Santo Agostinho, com o medo, a tristeza e outras emoções que procuraríamos evitar na vida cotidiana(ELIAS e DUNNING, 1992, p. 128).

Esta tensão ou excitação podem ser observadas nos jogos indígenas na aldeia e durante os eventos na cidade. Há uma descontinuidade do cotidiano para um/a: - tempo mítico, união indivíduo-cosmo, prazer, alegria, tristeza, dor, medo, raiva, momento transformador, passagem de um estado para outro, superação. Notem que a mesma atividade realizada na aldeia é transformada na cidade, passa para uma outra dimensão físico-espiritual. Ela não é simplesmente retirada de rituais, mas transformada com novos sentidos (ROCHA FERREIRA *et. al.* 2008).

Além do mais as atividades em si, não representam a totalidade da experiência no evento. Os participantes têm oportunidades de se encontrarem e trocarem experiências, negociarem, aprenderem uns com os outros, etc. em diferentes locais, nos alojamentos, nos traslados de um local para outro, no refeitório, no artesanato, nas concentrações, nos rituais, nas pajelanças, na arena e no fórum social. A pesquisa nos VIII Jogos dos Povos Indígenas em Fortaleza, Ceará, 2005, forneceu um material importante sobre os jogos. A questão sobre o significado dos jogos para os líderes e “atleta indígena” está transcrita abaixo (ROCHA FERREIRA et al, 2006).

- Os jogos integram as etnias. Discussão com os parentes. (Pataxó)
- É importante para conhecer outras etnias. (Terena)
- Importante para saber das outras etnias e ver que estão pobres, com dificuldade e viver. Divulgar a cultura para branco. Os Paresi perdem a cultura. (Paresi)
- Importante para encontrar pessoas e trocar cultura. Nos jogos falamos com os parentes e ficamos com a família. (Wai-Wai)
- A gente vem para apresentar a cultura e trocar experiência. (Kaiapó)
- Trocar experiência com os parentes. (Karajá).
- É importante para saber das outras etnias. (Javaé)
- É importante para a aldeia porque tem como trocar experiência. (Xerente)
- Gostamos para trocar experiência e vender artesanato. (Rikbaktsa)
- A importância dos jogos tradicionais é manter a cultura. Conversam mais sobre suas culturas do que política, pois não entendem muito de política. (Kaiwá)
- Para o povo a importância é manter a tradição da etnia e tem muito interesse em conhecer e aprender as “coisas” dos brancos. Aqui é o mais bonito. (Xikrin)
- Para o povo a importância é manter a tradição da etnia e tem muito interesse em conhecer outras etnias, parentes, contato com Carlos Terena. (Matis)
- Melhorar a cultura, deixar viva a tradição, valorização. (Gavião Kyikatêje)
- Apresentar, cantar e manter a tradição. (Kanela)
- Mostrar sua cultura, tradição. Experiência boa. Oportunidade de conhecerem as cidades, os povos, vender artesanatos. Bom. Mostrar a cultura. (Enawenê-Nawê – coletiva e tradução Fabrício)
- Encontro dos irmãos índios, resgate cultural, conhecer, trocar idéias. (Yawalapiti)
- Nosso espírito – encontros dos Povos Indígenas. Organização

indígena. Conhecemos uns aos outros. Nações indígenas. Gosta de valorizar cultura de nossa nação. (Suruí)

- Consegue levar algumas coisas que sabem. Conhecimento das pessoas que não sabem. E passam a conhecer as culturas diferentes, línguas, danças. (Krahô)
- Representa a aldeia, divulga e mostra para ao branco que são diferentes (Paracanã)
- Mostrar a cultura para não perder (Aikewara)
- Oportunidade para mostrar a cultura indígena, continuar a tradição. (Manoki)
- Mostrar sua cultura, tradição. (Nambikwara).
- A importância dos jogos indígenas é continuar a cultura indígena. Eles têm pouco conhecimento da política e querem saber mais para não ficar na dependência dos brancos, que não respeitam sua vontade e também não querem perder a identidade. (Manoki)

Por estes depoimentos, podemos ver que estes eventos produzem efeitos significativos para os participantes de se conhecerem, aprenderem sobre a cultura do outro e das próprias, se encontrarem, revitalizarem a cultura, trocar experiências, evitar perdas culturais, ressignificar, conhecer o outro, integrar, vender artesanato, mostrar para a sociedade brasileira um pouco de suas culturas.

Considerações Finais

Os Jogos dos Povos Indígenas representam um espaço de construção étnica, do ser índio. Representam momentos de visibilidade e de reconhecimento da diversidade cultural, de fortalecimento do parentesco, da unidade na diversidade. As disputas políticas e técnicas estão sendo resolvidas no processo de realização dos mesmos. Cada edição, novidades acontecem e a experiência nas negociações propiciam novos acordos.

O “Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena” (ITC) representados pelos irmãos Terena dão sentido aos jogos e lutam pela continuidade do lema “o importante é celebrar e não competir”. O evento tem um sentido de aproximação do conhecimento milenar e contemporâneo na presença de diferentes atores, líderes indígenas, atletas indígenas, poder público,

representantes profissionais/técnicos e personalidades nacionais e internacionais de diferentes setores da sociedade (dependendo da temática) e universidade.

Na sua nona edição, o evento ainda pode ser considerado recente para se obter conclusões. Existe o perigo dos pesquisadores usarem a lógica ocidental do esporte nas análises e esquecerem de ouvir as vozes dos indígenas. Este esforço devemos fazer sempre para não cairmos na armadilha da academia, da história contado somente pelos colonizadores.

ABSTRACT: The Indigenous Games Peoples are complex events happening in the city organized by the Intertribal Committee of Memories and Science with the Ministry of Sport in partnership with the State Government and City Hall. The subject developed in this paper is based on different ethnological research carried out during the games peoples. The slogan “celebrate and not compete” of the Intertribal Committee for Science and Culture runs through all the editions of the events. The differences of the concept of sport among the areas of knowledge bring an impact on the events. However, the games have been a field to socialize, exchange of ancestral and contemporary knowledge, providing visibility of indigenous cultural diversity and new social construction.

Artigo

Recebido: 21/05/2009

Aprovado: 30/06/2009

Keywords:

Indigenous peoples games, diversity, social constructions.

Referências

BARDAWIL, O. Decisão judicial atrasa abertura dos Jogos dos Povos Indígenas em Fortaleza. <http://agregario.com/decisao-judicial-atrasa-abertura-dos-jogos-dos-povos-indigenas-em-fortaleza>. Acesso net em 16-12-2009.

CAILLOIS, R. Los Juegos Y Los Hombres – la máscara y el vértigo. Fondo de Cultura Económica. México, D. F., 1986.

ELIAS, N. e DUNNING, E. A busca da excitação. Memória e Sociedade. DIFEL, Lisboa 1992.

FASSHEBER, J. R. & ROCHA FERREIRA, M.B. Etno futebol indígena. Vo. 79, p. 5 a 8, 2006. ComCiência. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&search=Proposições>. Acessado em 11/08/2009.

HUIZINGA, J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Editora Perspectiva.1993.

ROCHA FERREIRA, M.B., FIGUEIRA JR., ÁLVARES, L.D. Relatório dos Jogos Indígenas. Apresentado ao Ministério do Esporte e Comitê Intertribal - Memória e Ciência Indígena, 2006.

ROCHA FERREIRA, M.B. & VINHA, M. Olímpia na floresta. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 2, n. 22, julho 2007.

ROCHA FERREIRA, M.B., HERNANDEZ, M. VAZQUES, CAMARGO, V.R.T., VON SIMSON, O.R. Jogos indígenas, realizações urbanas e construções miméticas. Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Ciência e Cultura. Temas e Tendências. Cultura Indígena. Ano 60, n. 4, 2008.

TAUSSIG, M. Mimesis and alterity a particular history of the senses. New York/London: Routledge, 1993.

TERENA, M. O Esporte como resgate de Identidade e Cultura. Rocha Ferreira, M. B. et al.. Cultura Corporal Indígena. Guarapuava: Ed. Unicentro, 2003a, p. 15-24.

TERENA C. J. O importante não é ganhar, mas celebrar. Revista de História da Biblioteca Nacional, julho 2007b, p. 31. Acesso net em 09/09/2009. <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=735>

VIANNA, Fernando de Luiz Brito. Eles e nós: relações futebolísticas e outras que tais. In: Boleiros do Cerrado: índios xavantes e o futebol. São Paulo : Annablume; Fapesp; ISA, 2008. (p. 281-315).